

Questões do humano na contemporaneidade

Olhares gestálticos

LILIAN MEYER FRAZÃO (org.)



QUESTÕES DO HUMANO NA CONTEMPORANEIDADE
Olhares gestálticos

Copyright © 2017 by Lilian Meyer Frazão
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Neris**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Capa e diagramação: **Santana**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7^º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

PREFÁCIO	7
1. SER OU NÃO SER NA CONTEMPORANEIDADE: EIS A QUESTÃO	17
<i>Lilian Meyer Frazão</i>	
2. BUSCA DO SENTIDO DO SER OU PERDA DA IDENTIDADE? LIDANDO COM OS PADRÕES SOCIALMENTE IMPOSTOS	29
<i>Maria Alice Queiroz de Brito (Lika Queiroz)</i>	
3. UM OLHAR GESTÁLTICO PARA ADIÇÕES: CONEXÕES E DESCONEXÕES	39
<i>Selma Ciornai</i>	
4. O CORPO ENTRE VIRTUALIDADE E PRODUTIVIDADE: EXPERIÊNCIA E CONTATO NA SITUAÇÃO CONTEMPORÂNEA	49
<i>Mônica Botelho Alvim</i>	
5. QUANDO UM CORPO É HUMANOS? CORPORALIDADES, TECNOLOGIAS E A INTERFACE EU-OUTRO NA CONTEMPORANEIDADE	71
<i>Claudia Baptista Távora</i>	

6. IMAGEM CORPORAL E O LUGAR QUE O CORPO	
OCUPA NA CONTEMPORANEIDADE	85

Angela Schillings

Prefácio

“Sócrates sabia que nada sabia e, com este nada saber,
foi Sócrates o mais sábio dos homens.”

ALBERTO RAMOS¹

“Sabei que não canto somente prazeres, /
Sabei que não gemo somente de amores.”

JUNQUEIRA FREIRE²

CONHECER NÃO É SABER. Conhecer é uma reserva, saber é uma entrega. Conhecer supõe acumular dados, informações; saber implica distribuir dados e informações. Conhecer é figura, nasce de necessidades, às vezes de uma relação ambígua organismo-ambiente; saber é fundo, é algo silencioso que habita o corpo à espera de se tornar um dado para a consciência. O conhecer é altivo, às vezes autossuficiente; o saber é humilde, não sabe que sabe ou sabe a própria ignorância. Existem *teorias do conhecimento* que se arrogam um conhecimento maior, o qual as credenciaria a julgar outros conhecimentos. Não existem *teorias do saber*, porque saber é uma ação no mundo, despretensiosa, à espera de ser qualificada não por outro saber maior, mas pela experiência e pela vivência do humano, no espaço-tempo do instante solicitante.

1. RAMOS, A. *Prosas de Ariel*. Rio de Janeiro: Ariel, 1936, p. 92.

2. FREIRE, J. *Poesias completas. Tomo II – Contradições poéticas*. Rio de Janeiro: Z. Valverde, 1944, p. 195.

Pois é, a contemporaneidade não tem dono, não tem cabeça; é acéfala, não *conhece* para onde vai, muito menos *sabe* o que é saber. Ela ficou assim porque é fruto de um conhecer soberbo e autoritário. Resolveu se libertar e perdeu o rumo, se perdeu. Pensa que *sabe* tudo, mas, de fato, não sabe. No entanto, *conhece* – e como *conhece*! Tem mil aplicativos em volta dela – e quanto mais skypes, facebook, instagrams, fanpages, sites e blogues ela adquire, mais solitária e burra fica. Olha apenas para a frente; o passado é passado, ficou para trás. Não tem raízes, só copa. O futuro dirá se os ventos do amanhã vão apenas acariciar seus galhos e folhas ou se vão arrancá-los pela raiz. Mas a contemporaneidade precisa existir, pois tudo que nasceu deve continuar vivendo para completar seu ciclo e seu círculo. Até ela aparecer, passaram-se 300 anos. Antes, era a Modernidade. E que 300 anos! O conhecimento era tudo, era o rei, o papa, a Igreja, mandava e desmandava. Quem sabia, sobretudo as mulheres, corria o risco de ir para a fogueira. Vocês se lembram das bruxas de Salém e de Giordano Bruno, queimado na Piazza dei Fiori, em Roma? Pois é, eles sabiam. Ninguém podia saber – saber era um perigo, era privilégio de poucos. Por isto a contemporaneidade é necessária: veio para abrir os olhos do conhecimento, do conhecer pomposo, do consumismo abusivo, das verdades triunfalistas, do capitalismo covarde e selvagem.

Como estou escrevendo sobre “questões do humano na contemporaneidade”, farei uma comparação. O conhecimento é um ISSO, o saber é um TU. O isso não é ruim nem bom. Depende do olhar de quem olha para a realidade fora dele. Se ele olha o fora só com os olhos dos olhos, está no mundo falacioso do conhecer, do conhecimento. Olha e não vê. Aliás, Jesus, o Cristo, falou da

turma que olha e não vê, escuta e não ouve. Esse “isso”, essa atitude “humana” baseada na adjetivação do outro, da realidade é como um conhecimento lançado aos porcos – são pérolas lançadas ao vento. De nada servem. O saber, entretanto, é um Tu. Ele simplesmente, olha, ouve, toca, cheira, testa e para aí. Não critica, caminha com o outro, vai com ele de forma serena. Vive uma amorosa *epoché*. Se pergunta, responde, *descreve*; se não pergunta, deixa que o outro encontre por conta própria o que procura. Assim, a contemporaneidade, paradoxalmente, veio para humanizar o isso, veio para dar ao Tu a oportunidade de aparecer, de sorrir, de dizer “sei” sem o perigo de ser queimado ou de ter uma pedra ao pescoço, de ser lançado ao rio à espera de um milagre que o pudesse salvar.

“Questões do humano na contemporaneidade”? Mas o que é o humano? Vocês já ouviram falar de “tese, antítese, síntese”. Pois é, estamos agora nesse ponto da estrada, nesse ponto da história. A modernidade se caracteriza como “tese”, a sabida; a contemporaneidade, como “antítese”, o processo. E esperamos que a síntese seja a junção harmoniosa dos opostos tese e antítese, pela humanização de um mundo globalizado, em alta velocidade, do qual ainda não sabemos se sua cara, cara do mundo, chamada “hoje”, será resultado de um ajustamento criador no qual o amor e o saber amoroso serão os novos mestres do amanhã.

Questões do humano na contemporaneidade – Olhares gestálticos. Olhares gestálticos olhando questões do humano na contemporaneidade é o título deste livro. E o que é um olhar gestáltico? É olhar uma rosa e ver uma rosa, receber um abraço e sentir um abraço, olhar um céu estrelado e ver nele apenas estrelas. Olhar gestáltico é ver a realidade assim como ela é, é olhar

o outro e esperar que ele se manifeste a partir dele, assim como ele é, que ele se mostre a partir dele, que o corpo invente e se reinvente, como diz Mônica Alvim, e que sua carne se mostre como é, viva. E como olhar a contemporaneidade, por natureza ambígua e confusa, com essa neutralidade de quem apenas olha e descreve, sem se intrometer na natureza do objeto visto, entregue ao seu olhar?

Existem muitos modos de olhar a realidade, mas há dois olhares que me chamam a atenção: *o olhar de quem conhece e o olhar de quem sabe*. O primeiro é curioso, malicioso às vezes, apressado, proflector da pior qualidade. O segundo baixa os olhos, tenta ver com o coração, às vezes com a alma; é paciente, não briga com o dado, apenas o acolhe assim como ele se apresenta. O primeiro trabalha com o espaço, com quantidades; o segundo, com o tempo, com qualidades, e se coloca entre o espaço-tempo à espera do futuro que está apenas chegando, ama o presente transiente objetivo onde, de fato, o olhar se humaniza. Ali a pessoa se sente olhando, está a salvo da contemporaneidade.

Estou diante de um grupo de mulheres-autoras que sabem das coisas, pensam com a alma, escrevem com o coração e brindam-nos com pérolas verdadeiras.

Em “Ser ou não ser na contemporaneidade: eis a questão”, Lilian M. Frazão escreve:

No mundo contemporâneo, vivemos a era do parecer: parecer bonito, parecer inteligente, parecer rico, parecer poderoso, parecer sarado e, às vezes até, parecer feliz. Estamos num universo de simulacros. A cada dia nos vemos socialmente impelidos a nos afastar da possibilidade de sermos, de

fato, o que somos. Encontramo-nos desenraizados de nossa condição humana, destituídos de nós mesmos.

“[...] desenraizados de nossa condição humana, destituídos de nós mesmos.” Neste tempo, chamado contemporaneidade, escancararam-se os portões da realidade, a liberdade torna-se a chave mágica da felicidade e o “é proibido proibir” torna-se o simulacro, a divindade suprema do prazer.

Em a “Busca do sentido do ser ou perda da identidade? – Lidando com padrões socialmente impostos”, Lika Queiroz pergunta:

Como fica essa identidade quando o corpo se torna um objeto moldado por padrões externos que anulam sua singularidade, um corpo negado e torturado por introjetos sociais construídos com base em um padrão midiático do belo como magro e jovem? Tudo isso leva a ajustamentos criativos disfuncionais quando a imagem corporal real não corresponde àquela difundida na mídia e alimentada pelas redes sociais e academias.

“[...] um corpo negado e torturado pelos introjetos sociais [...]” Corpos negados e torturados pelos introjetos sociais em oposição à beleza de corpos que dançam a dança da vida levados pela música do vento, pelo barulho do mar, que em sua simplicidade se deixam moldar pela indeterminação e pelo acaso, que, silenciosamente, ressoam a linguagem do universo.

Em “Um olhar gestáltico para adições: conexões e desconexões”, Selma Ciornais comenta:

Diante de desejos que acreditamos não ser possíveis de atender, diante de sensações, sentimentos e emoções desconfortáveis – e às vezes até desestruturantes –, recorremos a alívios conhecidos, mas que são também meios de dessensibilização e evitação. Lentamente, estes nos afastam de nossas sensações mais autênticas e delicadas e deixam-nos com um repertório empobrecido de formas de contato.

“[...] são também meios de dessensibilização e evitação [...] e deixam-nos com um repertório empobrecido de formas de contato.” Eles conhecem esses caminhos, mas não sabem para onde vão. São como trens de alta velocidade, prazerosos, mas não deixam pistas sobre o retorno. Que bom que sempre existe a última estação!

Em “O corpo entre virtualidades e produtividade: experiência e contato na situação contemporânea”, Mônica Botelho Alvim escreve:

A experiência é um acontecimento espaçotemporal que se inicia na fronteira, ou seja, quando do encontro com a novidade do mundo e do outro, dando início ao processo de contato como ajustamento criador. Nessa perspectiva, entendemos que é como sensação, percepção, gesto e movimento que o corpo se inventa e reinventa, também reinventando o mundo.

“[...] dando início ao processo de contato como ajustamento criador.” A experiência, esta que não pode faltar, é de algum modo soberana. Encontra-se com a vivência e, como um eco, os tambores da existência começam a anunciar um novo nascimento: um corpo, em forma de criança, olha o mundo.

Em o “Quando um corpo é *humano*? Corporalidades, tecnologias e a interface eu-outro na corporeidade”, Claudia Baptista Távora diz:

Na contemporaneidade, cresce a proporção de possibilidades do que um corpo faz ou pode fazer – e daquilo que pode ser feito com um corpo ou a um corpo. Isso coloca a nós, psicoterapeutas, as perguntas: “O que torna um corpo propriamente humano?” “Que tipo de critérios se utilizam para definir saúde, beleza, coesão, integridade, autonomia e humanidade?” “Esses termos configuram critérios?” “É desejável ter critérios?”

“[...] É desejável ter critérios?” Na contemporaneidade, vemos a vida e a humanidade se decompondo e recompondo, e os sentidos de si mesmo e de corporalidades se transmutando, inevitavelmente.

“É desejável ter critérios?” Na contemporaneidade, desapegamos de nossos apegos, perdemos nossas certezas, tudo pode, nada surpreende. O corpo se decompõe e se recompõe a cada momento. Saúde, coesão, beleza... depende. Vivemos um permanente estado de dependência. A humanidade está à procura de sua humanidade.

Em “Imagem corporal e o lugar que o corpo ocupa na contemporaneidade”, Angela Schillings ensina:

O corpo produz ações significativas visando ao ajustamento criativo no meio. Quando transformamos nossa corporeidade em um simples corpo-objeto, de acordo com os ditames da mídia, estamos perdendo as âncoras de sustentação do *self* em expansão. Passamos a introjetar aquilo que o

mundo nos oferece sem discriminação e, conseqüentemente, sem capacidade de escolher; reside aí a inversão do afeto. [...]

“[...] reside aí a inversão do afeto [...]” Introjetar sem discriminar, escolher sem escolher. Resultado: mágoa, culpa, raiva, habitantes solitários da generosa alma do introjetor, que sente *ter* um corpo, e não *ser* um corpo. Uma solidão habitada, companheira de uma alma solitária à espera talvez do único remédio que pode fazê-la sentir que existe: um colo com cheiro de mãe.

Estas são mulheres sagradas. Seu olhar gestáltico nasce da humanidade que as habita. São contemporâneas da contemporaneidade. Seus olhares veem o horizonte.

Ser missionário em tempos de contemporaneidade é uma árdua tarefa, pois ser missionário implica acreditar em horizontes e caminhar firme na sua direção, mesmo que eles pareçam se afastar quando deles nos aproximamos. Missionário vem de *missus*, que, por sua vez, vem de *mittere*: mandar, ser enviado, ir atrás, superar fronteiras... árdua tarefa em tempos de contemporaneidade! Ser missionário é ser um pro-vocador (*pro-vocare*), chamar para a frente, é fazer-se presente, é se dar conta de que o “ir às coisas mesmas” se dá no encontro, na comunhão das diferenças, na vivência de um ajustamento criador entre dois peregrinos em busca de si mesmos.

Questões do humano na contemporaneidade – Olhares gestálticos! O humano não é produzido, não nasce de uma lógica. Brota, espontaneamente, da confluência amorosa entre a presença e o cuidado, entre o encontro e a inclusão de dois seres no mundo que simplesmente olham um para o outro.

Cada um destes capítulos é um olhar, é mais que um olhar: é uma configuração cheia, plena, na qual cada parte se imbrica uma na outra com tal harmonia e lógica que daí surge uma configuração, uma Gestalt teórica, uma síntese, um caminho novo, uma trilha que pode levar ao coração da contemporaneidade, fazendo que suas batidas soem como uma nova música, como um novo apelo chamado Esperança.

Estou assinando este prefácio no dia 13 de maio de 2017, momento em que, numa profética sincronicidade, faz 100 anos do fenômeno de Fátima, quando a Grande Mãe, Maria, aparece a três pastores na Cova da Iria, Portugal, e lhes confere a guarda de três segredos, cuja mensagem apontava para o início do que, depois, se convencionou chamar de contemporaneidade, tema deste novo livro.

E algum dia,
Não pararemos de sorrir,
Quando caminharos,
Flutuaremos,
E a luz jorrará de nossos olhos.
A interpenetração dos universos
Começou.³

“Olhares gestálticos”... Estamos a caminho.

Brasília, 13 de maio de 2017.

JORGE PONCIANO RIBEIRO, PH.D.

3. TOBEN, B.; WOLF, F. A. *Espaço-tempo e além*. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 126.

1. SER ou não SER na contemporaneidade: eis a questão

Lilian Meyer Frazão

JOANA TEM 35 ANOS. É uma mulher bonita, elegante, bem-sucedida profissionalmente, ocupa um bom cargo numa grande empresa. Filha de uma doméstica e de um vendedor ambulante, sempre foi uma pessoa esforçada e obstinada, tendo-se sobressaído nos estudos e conseguido cursar faculdade pelos próprios méritos. Atualmente, mora com o namorado, de quem fala pouco.

Marcou o início da terapia duas ou três vezes, mas precisou desmarcar em virtude de necessidades de trabalho. Quando conseguiu vir, trouxe como principal demanda sua dificuldade de se relacionar com pessoas, o que a prejudicava profissionalmente. Sem amigos, raramente tem algum lazer, não cultiva hobbies e participa de pouca atividade social além do trabalho. Boa parte de suas noites e de seus fins de semana é ocupada com trabalho.

Joana focaliza em sua fala basicamente questões profissionais e insiste em me perguntar o que e como deve fazer para se relacionar com pessoas. O universo do humano lhe parece desconhecido e surpreendente. Acredita que haja regras que, uma vez seguidas, proporcionariam bons relacionamentos com outras pessoas.

Joana parece ser uma representante de boa parte dos jovens bem-sucedidos da atualidade que nos procuram na clínica. Pessoas que, desde muito cedo, são levadas a se preparar para um futuro de sucesso profissional. Esforçam-se para se encaixar nos padrões esperados e para tal aprendem inglês, praticam algum esporte, fazem uma faculdade, vestem-se de acordo com os ditames da moda, malham em academias, vivem de regime – pois sempre estão um ou dois quilos acima daquilo que os atuais padrões de beleza demandam. Conseguem empregos que lhes possibilitam ter um bom carro, usar roupas de marca, comer fora, vestir-se bem, adquirir os mais sofisticados bens de consumo, viajar etc. No entanto, sem que tenham *awareness*, vivem aprisionadas à sociedade de consumo, que as leva à ilusão de que ter coisas, possuir bens significa realizar-se como indivíduo. As condições oferecidas ao acontecer humano na pós-modernidade têm se mostrado bastante inóspitas.

A sociedade contemporânea estimula fortemente o ter em lugar do ser, e cada vez mais falta o suporte e o cuidado necessários para que possamos nos constituir como pessoas; são muitas as dificuldades e vicissitudes da vida para a constituição do ser, bem como as formas que estimulam e respaldam o não ser.

Vivemos um dilema cruel e desafiador: ser ou ter? Necessário e difícil coadunar as duas coisas, ter *awareness* de suas reais necessidades – sobretudo no âmbito do humano –, manter contato com o ambiente e fazer escolhas que possibilitem estabelecer individual e singularmente uma hierarquia de dominâncias que permita atender às demandas de cada um em relação a uma e outra coisa...